

CADERNO PEDAGÓGICO



**LEITURA,
INTERAÇÃO,
COMPREENSÃO!**



APRESENTAÇÃO

Caro (s) Professor (es)

Este caderno pedagógico que disponibilizamos ao (s) senhor (es) é fruto de trabalho de pesquisa desenvolvido durante dois anos no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, PROFLETRAS, que visa à capacitação de professores de Língua Portuguesa para o exercício da docência no Ensino Fundamental e à melhoria da qualidade do ensino no Brasil.

O material está pautado na linha de pesquisa “Teorias da Linguagem e Ensino”, inserida na área “*Linguagens e Letramentos*” e direcionado a estudantes do Ensino Fundamental (EF) – séries finais. Tem como principais objetivos contribuir para a prática pedagógica docente, por constituir uma proposta viável e adaptável pelo docente às condições de cada comunidade escolar, assim como aprimorar a compreensão leitora dos estudantes.

O presente caderno, quanto à estrutura, está organizado em três partes: I Teórica - apresentação da fundamentação teórica que orienta essa prática educativa; II Prática - apresentação das ações didáticas para a concretização da proposta, nessa parte há duas caixas de diálogo. Em uma, definimos ou apresentamos um conceito, em outra, mantemos contato direto com o (s) senhor (es) ao apresentarmos sugestões de alguns caminhos viáveis à consecução da proposta pedagógica. Finalmente, a III Palavra Final – fechamento do trabalho.

Enfim, eis um material de apoio que pode ser utilizado como mais uma possibilidade de ação possível de modificações a fim de se atingir propósitos e públicos diversificados.

Desejamos que este material auxilie tanto na sua prática pedagógica quanto subsidie os estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental a superar dificuldades de leitura apresentadas nesse período da vida escolar.

Um abraço.

Sílvia Souza Santos

SUMÁRIO

ESTUDOS NORTEADORES.....	4
Sequência básica	4
Leitura, compreensão e inferência	5
Crônica e Letramento literário	7
SÍNTESE DO DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O TEXTO LITERÁRIO	10
AÇÕES DIDÁTICAS PARA A CONCRETIZAÇÃO DA PROPOSTA	12
Sequência para a crônica “Brincadeira”	14
Motivação	14
Introdução	14
Leitura	15
Interpretação	15
SÍNTESE DE PERGUNTAS: ETAPA DE INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA “BRINCADEIRA”	16
Sequência para a crônica “A estranha passageira”	18
Motivação	18
Introdução	18
Leitura e Interpretação	19
SÍNTESE DE PERGUNTAS: ETAPAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA CRÔNICA “A ESTRANHA PASSAGEIRA”	20
Expansão: análise comparativa entre as crônicas.....	23
PALAVRA FINAL	23
REFERÊNCIAS	24
ANEXOS	26

ESTUDOS NORTEADORES DESTA PRÁTICA EDUCATIVA

Um dos desafios que encontramos diariamente em nossas aulas é a resistência dos estudantes em relação à leitura. Quando se trata da leitura do texto literário, a resistência é ainda maior. Sabemos, também, que são diversos os motivos que os levam a não quererem ler em sala de aula. O principal deles é o fato de terem dificuldade em atribuir sentido à leitura.

Como nosso foco é o desenvolvimento da compreensão leitora a partir da leitura literária, orientamo-nos pela Sequência Básica, desenvolvida por Rildo Cosson (2006). Propusemo-nos a utilizar leitura e análise de duas crônicas “Brincadeira”, de Luís Fernando Veríssimo, e “A estranha passageira”, de Stanislaw Ponte Preta. A escolha por essa sequência básica foi motivada pelo fato de as crônicas serem textos curtos. Entretanto, para a análise comparativa, acrescentamos a etapa da “expansão” proposta na sequência expandida.

O nosso principal **referencial teórico** são os estudos acerca de sequência básica, leitura, compreensão, inferência, crônica e letramento literário.

Referencial teórico é o conjunto de materiais utilizados para a elaboração de uma proposta.

SEQUÊNCIA BÁSICA

Sequência básica é a sequência desenvolvida por Cosson (2006) para a leitura do texto literário. A fim de proporcionar aos estudantes uma análise comparativa entre as crônicas estudadas, acrescentamos a etapa da expansão, da sequência expandida, à sequência básica. Tal acréscimo resultou na sequência a seguir.

SEQUÊNCIA BÁSICA				
ETAPAS				
Motivação	Introdução	Leitura	Interpretação	Expansão (Sequência expandida)
Momento de aproximar o aluno à obra	Momento de apresentação da obra, visa	Pode ser realizada individualmente,	O momento do encontro do leitor com a obra. Nele, a	Essencialmente comparativo. É o momento de colocar

objeto da leitura literária.	permitir que o aluno receba a obra de forma positiva.	em grupo, em voz alta ou em silêncio. É necessário o acompanhamento para auxiliar os alunos.	interpretação é feita com o que somos no momento da leitura. Embora possua um caráter individual, por mais pessoal que esse momento possa parecer, ele continua sendo um ato social.	duas obras em contraste e confronto a partir de seus pontos de ligação.
------------------------------	---	--	--	---

Quadro 1- Orientações baseadas na sequência básica e expandida de Cosson (2006).

LEITURA, COMPREENSÃO E INFERÊNCIA

Constantemente, ouvimos falar da importância da leitura em nosso dia a dia e sobre a função da escola na formação de leitores. Ler não significa apenas decodificar. A decodificação é somente o início do processo de leitura. Ler é compreender. A leitura só se efetiva quando o estudante-leitor atribui sentido às palavras, estabelece relações entre o texto e os conhecimentos desenvolvidos ao longo de sua existência.

Nesse contexto, sabemos da relevância da concepção de leitura adotada pelo professor, já que será essa concepção que guiará seu trabalho em sala de aula. Ao longo do tempo, a leitura tem sido explicada a partir de diferentes modelos. Algumas vezes, é entendida como extração de significados através de um processo ascendente, em que as informações saem do texto para o leitor. Outras, porém, é tomada como atribuição de sentidos, processo em que cabe ao leitor, de forma descendente, a construção dos significados a partir do seu conhecimento de mundo.

De acordo com Koch (2006, p.11):

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Entender o texto enquanto *evento comunicativo* é vê-lo não mais como um produto pronto, mas como processo em permanente elaboração. Essa elaboração ocorre ao longo da história e das diversas recepções pelos diversos leitores (MARCUSCHI, 2008).

Sendo assim, é preciso que o estudante-leitor, no ato da leitura, relacione as informações trazidas pelo texto aos conhecimentos armazenados em sua memória. É da interação de diversos níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto (KLEIMAN 2000).

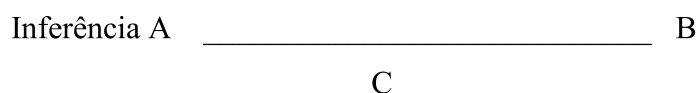
A mobilização desse conjunto de saberes, denominado por Solé (1998) de conhecimentos prévios, entendidos como aquilo que já sabemos, que já fazem parte da nossa bagagem experiencial, é um dos elementos fundamentais para a compreensão de textos.

No contexto escolar, a compreensão é fator determinante para a progressão na leitura bem como nos estudos. Nessa perspectiva, a escola precisa investir em atividades que proporcionem a compreensão textual. Para haver compreensão, é importante que o leitor ative conhecimentos adquiridos, ou seja, procure em sua memória informações relevantes para o assunto a partir de elementos intratextuais (tanto no nível mais local – das orações quanto no nível mais global dos parágrafos ou seções do texto) e extratextuais (conhecimento de mundo armazenado na memória de longo prazo).

Marcuschi (2008) afirma que a compreensão requer a construção de sentidos com base em atividades inferenciais, por ser a leitura uma atividade de produção de sentidos colaborativa e não apenas um simples ato de identificação de informações.

Para que a inferência ocorra, é preciso que o estudante-leitor consiga ativar aqueles conhecimentos que fazem parte de sua memória e os relacione às informações trazidas pelo texto. Quando essa informação nova interage com a informação antiga, em um dado contexto, ocorre o que se chama de inferência.

Embora haja diversos conceitos associados à habilidade de inferir, o adotado na presente proposta pode ser representado pelo modelo abaixo, desenvolvido por Rickheit, Schnotz e Strohner (1985) apud Dell’Isola (2001, p. 29):



Nesse modelo, A é a informação antiga (armazenada na memória do leitor), B é a informação nova (trazida pelo texto) e C é o contexto que possibilita a interação entre essas informações. Embora as inferências não estejam no texto, ele serve de estímulo para a geração delas.

Conforme Dell’Isola (2001, p.29) assevera, a inferência “é uma operação que os leitores desenvolvem enquanto estão lendo o texto ou após terem completado a sua leitura”. A

informação nova (B) interage com a informação antiga (A) em um dado contexto, gerando a inferência. Logo, inferir é um processo mental, ocorre cognitivamente, enquanto lemos.

Mesmo sendo um processo cognitivo, é preciso possibilitar situações e atividades para que elas sejam geradas. Para que as inferências ocorram, é necessário ativar os conhecimentos prévios que, entendidos como os conhecimentos adquiridos ao longo da nossa história, encontram-se armazenados na memória (KOCH; ELIAS, 2014).

Esses conhecimentos formam “esquemas”, estrutura cognitiva formada a partir das nossas vivências que, ao serem acionados pelas informações novas (trazidas pelo texto), em um dado contexto, possibilitam a construção das inferências (LEFFA, 1996). Como cada indivíduo armazena informações diferentes, surge daí a possibilidade de diferentes leituras realizadas por diferentes leitores, ou de diferentes leituras realizadas pelo mesmo leitor em tempos diferentes (KOCH; ELIAS, 2014).

A depender dos conhecimentos prévios que o estudante-leitor disponha, ele poderá compreender o texto de diversas maneiras. Como compreender é inferir (MARCUSCHI, 2008), surge a importância de propormos atividades e situações que acionem os conhecimentos prévios dos estudantes, para que eles possam inferir mais e, conseqüentemente, compreenderem melhor.

Como as respostas não estão centradas somente no texto, as questões inferenciais favorecem o desenvolvimento de habilidades cognitivas dos estudantes, uma vez que exigem uma constante interação entre conhecimentos prévios e estratégias que estão além da decifração das palavras. Assim, propomos uma sequência de atividades para a leitura do texto literário a partir do gênero textual crônica, a fim de desenvolver a compreensão e a habilidade de inferir. Vistos os conceitos de leitura e de compreensão leitora, passemos agora para os conceitos de crônica e letramento literário.

CRÔNICA E LETRAMENTO LITERÁRIO

Embora a crônica exista desde a Idade Média, é somente a partir do século XIX que a crônica contemporânea se firma, graças à consolidação da imprensa em todas as partes do planeta. Foi a partir dessa época que os cronistas passaram a registrar a vida social, política, os costumes e o cotidiano.

Desde sua origem, a crônica exerce fascínio sobre os leitores, seja pelos temas do dia a dia, seja pela linguagem leve, próxima à oralidade, o que provoca uma proximidade entre texto

e leitor. O diálogo, por ser a base da crônica, confere verossimilhança à narrativa, já que é por meio dele que os personagens falam diretamente ao leitor. Sendo assim, o leitor é requisitado para a construção dos sentidos do texto, que ocorre a partir de sua percepção e vivência. Graças a seu caráter interacional, a crônica exige um diálogo constante entre texto e leitor para a construção de sentidos, uma vez que o faz buscar no seu imaginário associações possíveis.

Conforme Heloísa Amaral (2008), o autor mantém um diálogo constante com o leitor e exige desse a reflexão e a participação necessárias durante o processo de leitura.

Escrevendo como quem conversa com seus leitores, como se estivessem muito próximos, os autores os envolvem com reflexões sobre a vida social, política, econômica, por vezes de forma humorística, outras de modo mais sério, outras com um jeito poético e mágico que indica o pertencimento do gênero à literatura. (AMARAL 2008, p.13)

Devido a essa característica, torna-se importante entendermos como se constroem os diálogos presentes nas crônicas para que possamos propor um trabalho significativo voltado à compreensão dessa categoria.

A escolha do gênero crônica foi motivada pela necessidade de aproximar o estudante da leitura literária, bem como aprimorar as habilidades de leitura desse estudante. Além disso, as crônicas, por serem leves e acessíveis talvez elas comuniquem, mais do que poderia fazer um estudo intencional, graças as suas temáticas relacionadas ao cotidiano, a visão humana do homem na sua vida de todo o dia (CANDIDO, 1992). Esse traço característico propicia o letramento literário, entendido como “prática social da escrita” (COSSON, 2015, p. 182). Esse conceito converge com a perspectiva interacionista da leitura, à medida que reconhece a importância do leitor no ato da leitura. O leitor, nessa perspectiva, deve agir como sujeito do processo e não objeto deste, uma vez que, constantemente, será exigida a ativação de diversos níveis de conhecimento para a construção dos sentidos do texto (KOCH; ELIAS, 2014).

Entender o letramento literário como prática social vai ao encontro da perspectiva interacionista da leitura, definida por Leffa (1996, p.29) em que “ler deixa de ser uma atividade individual para ser um comportamento social, onde o significado não está nem no texto nem no leitor, mas nas convenções de interação social em que ocorre o ato da leitura”.

Nessa concepção, a leitura é uma atividade não apenas cognitiva, mas uma atividade social, em que os significados são construídos a partir da interação do indivíduo e as convenções impostas pela comunidade, sendo, portanto, uma atividade sociocognitiva. Enquanto atividade

social, uma vez que o processo de aprendizagem é resultante do contato entre texto-leitor, a leitura pressupõe uma intensa participação do leitor nesse processo.

Se pretendemos contribuir para o desenvolvimento de estudantes-leitores proficientes, precisamos promover ações específicas e atividades que levem os estudantes a refletir e monitorar a própria compreensão, ou seja, se estão entendendo, se estão entendendo parcialmente ou, se não estão, buscar o porquê de não entenderem. É preciso que eles consigam avaliar a própria leitura.

Em conformidade com as ideias supracitadas, a seguir, apresentamos uma síntese do desenvolvimento da sequência didática para a leitura do texto literário aplicada pelo presente projeto.

SÍNTESE DO DESENVOLVIMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O TEXTO LITERÁRIO

ESTRATÉGIAS				
ETAPAS/ATIVIDADES/DURAÇÃO	OBJETIVOS	RECURSOS	DATA DA APLICAÇÃO	
SEQUÊNCIA DA CRÔNICA “BRINCADEIRA”	Desenvolver prática de leitura, por meio do letramento literário.			
MOTIVAÇÃO (1h/aula) - Exibição de curta metragem “Fábula da corrupção”. - Debate sobre o conteúdo veiculado no vídeo (as relações de poder em diferentes contextos).	Debater sobre as relações de poder relacionadas às informações que se têm sobre as pessoas e o quanto isso pode ser prejudicial à população. Incentivar posicionamento com postura crítica diante de situações-problema.	- Vídeo “Fábula da Corrupção”, dirigido por Lisandro Santos; - Datashow; - Caixa de som.	17/08/2016	
INTRODUÇÃO (1h/aula) - Apresentação do autor Luís Fernando Veríssimo. - Exploração de elementos pré-textuais: capa; contracapa; - Exploração do título da crônica.	Criar uma expectativa positiva em relação à leitura. Levantar hipóteses sobre o conteúdo da crônica “Brincadeira”. Registrar as primeiras impressões causadas pelo título do texto.	- Livro Comédias da Vida Privada; - Folhas; - Lápis.	17/08/2016	
LEITURA (1h/aula) - Leitura compartilhada da crônica “Brincadeira”. - Audição de curta metragem da crônica “Brincadeira”. - Discussão sobre mudanças na percepção do texto após a audição.	Oportunizar a leitura da crônica de Luís Fernando Veríssimo. Perceber como a entonação, altura, tom, intensidade e ritmo podem auxiliar para uma melhor compreensão do texto. Compreender o texto de forma global. Inferir informação implícita em crônica.	- Cópias da crônica “Brincadeira”; - Curta metragem da crônica “Brincadeira”, dirigido por Fabiano Machado; - Datashow; - Caixa de som.	18/08/2016	
INTERPRETAÇÃO (1h/aula) Interpretação da crônica “Brincadeira”.	Inferir a intenção comunicativa em crônica. Fomentar discussão acerca da análise do texto em estudo.	Cópias da crônica “Brincadeira”.	18/08/2016	

SEQUÊNCIA DA CRÔNICA “A ESTRANHA PASSAGEIRA”		Desenvolver prática de leitura, por meio do letramento literário.			
• Montagem de cartazes com os principais meios de transportes (terrestre, aquaviário, aéreo e dutoviário) utilizados pelas pessoas. • Discussão, breve, sobre a importância dos meios de transporte para a infraestrutura e a economia de um determinado local.	MOTIVAÇÃO (1h/aula)	Incentivar a participação nas atividades. Perceber a importância dos meios de transportes para a infraestrutura e a economia de um determinado local.	• Revistas; • Tesouras; • Colas; • Cartolinas.	• 19/08/2016	
	• Apresentação do suporte. • Apresentação do autor Stanislaw Ponte Preta. • Exploração do título da crônica.	INTRODUÇÃO (1h/aula)	Criar uma expectativa positiva em relação à leitura. Levantar hipóteses sobre o conteúdo da crônica “A estranha passageira”. Registrar as primeiras impressões causadas pelo título do texto.	• Livro “Garoto linha dura” de Stanislaw Ponte Preta; • Folhas; • Lápis; • Borracha.	• 23/08/2016
		• Leitura compartilhada da crônica.	LEITURA (1h/aula)	Oportunizar a leitura do texto. Fomentar discussão acerca da análise do texto em estudo. Compreender o texto de forma global. Inferir informação implícita em crônica. Inferir a intenção comunicativa em crônica. Interpretar o texto.	• Cópias da crônica “A estranha passageira”. • Envelopes contendo partes da crônica.
• Aplicação de técnica pausa protocolada² previamente marcada no texto; • Interpretação da crônica “A estranha passageira”.	INTERPRETAÇÃO (1h/aula)		• Cópias da crônica “A estranha passageira”.	• 24/08/2016	
	EXPANSÃO				
• Análise comparativa entre as crônicas “Brincadeira” e “A estranha passageira”.	ANÁLISE COMPARATIVA (1h/aula)	Identificar título e autor; assunto; personagem (ns); narrador e diálogo em diferentes crônicas. Comparar a categoria do diálogo em diferentes crônicas.	• Cópia das crônicas estudadas; • Tabela comparativa das crônicas; • Lápis e borracha.	• 25/08/2016	
	Contrastar e confrontar crônicas a partir de seus pontos de ligação.				

Quadro 2 - Síntese do desenvolvimento da sequência didática para o texto literário.

² Os estudantes não recebem o texto inteiro, apenas partes dele. Em cada pausa, serão apresentadas perguntas previamente elaboradas.

ACÇÕES DIDÁTICAS PARA A CONCRETIZAÇÃO DA PROPOSTA

Para ilustrar o que estamos propondo, discorreremos sobre o passo a passo para a consecução da proposta didática para a leitura do texto literário.

As atividades desenvolvidas seguiram a sequência básica, idealizada por Cosson (2006), constituída por quatro passos: motivação (aproximação do estudante ao texto literário), introdução (apresentação do texto ao estudante), leitura (análise do texto) e interpretação (reflexão e socialização da obra). A escolha por essa sequência foi motivada pelo fato de as crônicas serem curtas, logo, a sequência daria conta dos objetivos pretendidos. Para a análise comparativa entre as crônicas, acrescentamos a etapa da “expansão” proposta pela sequência expandida. A partir desse modelo de sequência didática, elaboramos um plano de trabalho. As atividades foram distribuídas em oito aulas (50 min).

Preocupada com a resistência que os estudantes pudessem apresentar, caso a escolha do tema não lhes agradasse, foi feita uma enquete sobre possíveis temas, a fim de que eles escolhessem o que mais interessasse. Os temas foram: humor; mulher; cidades; costumes; relações amorosas; tempo, amizade e atitudes. A maioria optou por humor, seguido por relações amorosas.

A partir da escolha temática dos estudantes, selecionamos as crônicas “Brincadeira”, de Luís Fernando Veríssimo, e “A estranha passageira”, de Stanislaw Ponte Preta. A sequência para as duas crônicas “Brincadeira” e “A estranha passageira” seguirá a sequência apresentada por Cosson (2006). Entretanto, na crônica “A estranha passageira”, a fim de propiciarmos outras situações para a construção de inferências, previsões e levantamento de conhecimento prévio, aplicamos a técnica ‘pausa protocolada previamente marcada no texto’.

Dell’Isola (2001, p.101) nos explica essa estratégia ‘pausa protocolada previamente marcada no texto’ e os tipos de perguntas a serem feitas no decorrer da leitura. No início, os estudantes não recebem o texto inteiro, apenas partes dele. Em cada pausa, serão apresentadas perguntas previamente elaboradas para se alcançar o objetivo do trabalho, que é possibilitar a formação de um leitor proficiente, visto como aquele que não apenas decodifica palavras, frases, parágrafos, mas também constrói sentidos.

Ao receber as partes do texto, os estudantes acompanham a leitura feita pelo professor ou por outro colega e respondem oralmente às questões propostas.

A cada intervalo de texto, há três tipos de perguntas feitas:

1º Perguntas objetivas

Nelas, as respostas podem ser recuperadas no próprio texto.

2º Perguntas inferenciais

Elas são baseadas nos conhecimentos prévios, experiências, crenças dos estudantes.

3º Perguntas avaliativas

Essas perguntas envolvem avaliação e julgamentos pessoais de informações fornecidas pelo texto. Ao criticar e julgar, o estudante é levado a se posicionar emocional e afetivamente diante do texto, e avaliar os fatos que lhe forem apresentados (DELL'ISOLA, 2001).

Em ambas as sequências, as etapas de leitura e interpretação serão realizadas em grupo. Essa metodologia possibilita fazer novas não previstas a partir da resposta dada e expectativa apresentada pelo estudante.

Essa técnica permite ao pesquisador verificar se houve compreensão textual por parte do estudante e intervir de modo a ajudá-los a construir as inferências necessárias à compreensão. Nas seções seguintes, explicitamos cada passo referente às sugestões de atividades a serem desenvolvidas.

SEQUÊNCIA PARA A CRÔNICA “BRINCADEIRA”

MOTIVAÇÃO

Relações de poder (1h/aula)

Nesta atividade de motivação foi exibido um vídeo “A fábula da corrupção”, que aborda as relações de poder em diferentes contextos. Esse vídeo é um curta metragem de 2011, dirigido por Lisandro Santos³. Nele, os personagens são animais que agem como seres humanos e representam o jogo de interesse presente nas relações sociais. Após a exibição do vídeo, o professor pode iniciar, brevemente, um debate sobre as relações de poder relacionadas às informações que se tem sobre as pessoas e o quanto isso é prejudicial à população.



Figura 2 – Estudantes organizados para assistirem a um vídeo.



Figura 3 – Estudantes assistindo ao vídeo “Fábula da corrupção”.

INTRODUÇÃO

A arte da crônica com Luís Fernando Veríssimo (1h/ aula)

Para introduzir a leitura, o professor poderá explorar, por meio de perguntas orais, o que os estudantes já sabem sobre o autor Luís Fernando Veríssimo.

Na sequência, fornecer mais informações sobre o autor, bem como sobre o suporte em que a crônica foi publicada. É importante avisar aos estudantes que eles deverão registrar as primeiras impressões causadas pelo título

Professor, algumas questões podem guiar esta etapa:

1. O que o título “Brincadeira” lhe sugere?
2. Pelo título dá para imaginar o assunto da crônica? Qual será o conflito – o problema ou a questão da crônica? Como poderia ser o desfecho – a conclusão de uma crônica cujo título é “A Brincadeira”?
3. Que situações você acredita que essa crônica vai retratar?
4. Para você o que constitui uma brincadeira?

³Lisandro Santos é diretor e roteirista da Cartunaria (produtora de desenhos para entretenimento e publicidade). Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=jcbAxcYkpck> . Acesso em 24 set.2016.

da crônica para que, ao final da leitura, comprovem ou recusem as hipóteses levantadas, devendo justificar as razões das primeiras impressões.

As questões propostas devem ter como objetivo levantar o conhecimento prévio dos estudantes e prepará-los cognitivamente para a leitura.

LEITURA

A caminho da leitura (1h/ aula)

Você pode entregar cópias da crônica “Brincadeira” e solicitar aos estudantes que realizem uma leitura silenciosa do texto. Ao término da leitura, exibir o curta metragem da crônica “Brincadeira”, dirigido por Fabiano Machado.

Em seguida, explicar aos estudantes que fará algumas perguntas sobre o texto lido e que eles deverão responder oralmente. O objetivo dessa intervenção é eles atingirem uma compreensão global que lhes permita produzir respostas coerentes em situações semelhantes.

INTERPRETAÇÃO

Em busca da compreensão (1h/ aula)

Professor, sua participação é fundamental neste momento da sequência. A ajuda pedagógica é importante para que os estudantes possam interiorizar as estratégias que lhes permitirão uma leitura fluida, autônoma e eficaz (SOLÉ, 1998).

Durante essa etapa, você pode realizar intervenções a fim de que os estudantes atinjam uma compreensão global do texto. A seguir, apresentamos uma síntese das perguntas que poderão guiar essa etapa de interpretação.

SÍNTESE DE PERGUNTAS UTILIZADAS NA ETAPA DE INTERPRETAÇÃO⁴

TIPOS DE PERGUNTAS		
OBJETIVAS	INFERENCIAIS	AVALIATIVAS
• O que vocês veem ao final do texto? • O que está escrito? • Tem o nome do autor? • No texto lido, há falas do narrador e falas dos personagens. Como é possível fazer a identificação de cada um? • Em uma narrativa, o narrador pode apresentar a fala das personagens através do discurso direto ou do discurso indireto. No <i>discurso direto</i>, conhecemos a personagem através de suas próprias palavras. Já no <i>discurso indireto</i>, o narrador "conta" o que a personagem disse. A escolha entre um ou outro decorre da intenção do autor em dar mais ou menos concretude aos personagens. Qual o discurso que predomina na crônica 'Brincadeira'? • Na linha 22, há a presença de um tom de chantagem. Qual recurso linguístico utilizado para reforçar a ameaça? • Podemos perceber, durante a leitura, a presença de alguém que conta a história. O narrador é observador ou personagem (foco narrativo)?	• O autor do livro colocou uma informação que é uma fonte. Que quer dizer fonte? • Então, por que será que trouxeram a referência de um livro logo depois de um texto? • O texto inicia com: "Começou como uma brincadeira...", o que isso quer dizer? • No início do texto, o narrador conta que o protagonista (personagem principal) "Descobriu que tinha poder sobre as pessoas". O que as pessoas temiam? • Mais do que a própria verdade, o que de fato preocupava as pessoas? • Pode-se dividir a narrativa em dois momentos. Até o momento em que o protagonista detém o "poder" sobre as pessoas, suas ações são consideradas, por ele, como brincadeira. Quando a "brincadeira" se torna séria? • A expressão "Sei de tudo" é utilizada no texto, tanto pelo narrador quanto pela voz misteriosa. Em ambas as situações ela tem o mesmo sentido? Quais os sentidos que podem ser atribuídos a ela? • Ironia é uma figura de linguagem que consiste em dizermos o contrário daquilo que pensamos. O autor foi irônico ao intitular a crônica de brincadeira? Justifique.	• Para que algo seja considerado "brincadeira", é necessário que as pessoas se prejudiquem ou morram? • A narrativa é iniciada com um telefonema. Como se chama o ato de ligar para alguém conhecido sem se identificar? O que vocês pensam a respeito dessa atitude? • Impostor é aquele que quer passar pelo que não é. Você diria que o texto narra a história de um impostor? Por quê?

⁴ Perguntas utilizadas na etapa de interpretação da crônica "Brincadeira".

TIPOS DE PERGUNTAS⁵

INFERENCIAIS

- O desfecho (término) da narrativa é marcado por ironia. Observe a ironia presente nas frases finais do texto: “As pessoas que o conheciam não têm dúvidas sobre o motivo. Sabia demais”. Por que podemos afirmar que o desfecho foi irônico?
- Na crônica “Brincadeira”, a fala de um personagem alterna-se em relação direta com o discurso de outro personagem, essa alternância é que provoca o dinamismo na narrativa. Qual o (s) efeito (s) produzido (s) com a utilização do discurso direto?
- Qual a função dos comentários que o narrador vai introduzindo em meio às falas dos personagens?
- A trama joga com informações e poder, logo, os personagens não são apresentados pelos nomes. O que sugere a falta desses nomes?
- Vamos ler da linha 1 a linha 10. Então, o personagem descobriu que tinha poder sobre as pessoas. Por que ele acreditava ter poder sobre elas?
- Leiam da linha 11 a 26. O personagem continuou com os telefonemas. Como as pessoas reagiam à ligação?
- Na linha 12, o que a resposta de um dos personagens “Co- como” indica? Por que ele se sente dessa forma?
- Em quais trechos podemos identificar o nervosismo dos personagens?
- O que significa a expressão “...era de confiança?” (51ª linha). Por que as pessoas depositavam confiança no personagem?
- Por que as pessoas para as quais o personagem telefonava se sentiam ameaçadas?
- A linguagem empregada no texto se aproxima da oralidade, ou seja, está mais próxima da exposição oral. Em quais trechos podemos comprovar essa afirmação?
- Qual a finalidade de utilizar uma linguagem mais próxima da oralidade no texto?
- É possível localizar onde é iniciado o conflito no texto? E o desfecho?
- Assustado, o protagonista se esconde. Depois de encontrado numa casa de praia, é assassinado. Quem o teria matado?
- Que outro título você daria a história? Justifique.

⁵ Perguntas utilizadas na etapa de interpretação da crônica “Brincadeira”.

MOTIVAÇÃO

Montagem de painel (1h/aula)

Professor, você pode perguntar aos estudantes quais meios de transportes que eles conhecem. Em seguida, propor que eles se dividam em quatro grupos. Entregar revistas, tesouras, colas e cartolinas a fim de que cada grupo encontre imagens de meios de transportes aéreo, terrestre, aquaviário e dutoviários para montagem de painel. Você também pode propor outra motivação relacionada à temática abordada na crônica “Brincadeira”.

Na sequência, discuta, brevemente, sobre a importância dos meios de transporte para a infraestrutura e a economia de um determinado local, já que esses meios são responsáveis pelo deslocamento de pessoas, animais, matéria-prima e mercadorias.

INTRODUÇÃO

Apresentação do suporte e autor (1h/aula)

Você pode iniciar a aula mostrando aos estudantes o livro “Garoto linha dura”, de Stanislaw Ponte Preta, no qual se encontra a crônica que eles irão ler. Em seguida, explorar os elementos pré-textuais: capa; contracapa e título. Após a apresentação de algumas informações sobre o autor, você pode retomar a discussão realizada na última aula sobre os meios de transportes e apresentar o título da crônica “A estranha passageira” para que os estudantes registrem as primeiras impressões causadas pelo título.

LEITURA E INTERPRETAÇÃO

Aplicação de técnica⁶ com foco na apreensão global do texto (1h/aula)

Professor, a fim de ampliar a compreensão leitora dos estudantes e auxiliá-los, durante o processo de construção de inferências, as etapas de leitura e interpretação podem ser realizadas concomitantemente.

Você pode explicar aos estudantes que eles receberão um texto dividido em partes e que a leitura e interpretação serão realizadas simultaneamente.

É importante esclarecer que, a cada pausa, previamente estabelecida, eles deverão responder, oralmente, a questões propostas. Como as respostas inferenciais demandam outras

⁶ Ver Regina Dell’Isola (2001)

perguntas, além das previstas, a série de perguntas apresentadas serve apenas de roteiro e são passíveis de comprovações.

SÍNTESE DAS ETAPAS DE LEITURA E INTERPRETAÇÃO⁷

1ª Pausa								
“- O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de voo – e riu nervosinha, coitada”.								
<table><tr><th>OBJETIVAS</th><th>INFERENCIAIS</th><th>AVALIATIVAS</th></tr><tr><td> - A mulher costumava viajar de avião? - Como chegamos a essa conclusão? </td><td> - Neste momento é possível saber de que ela é passageira? </td><td> - Como você acredita que ela estava, acanhada? Tensa? Tranquila? Etc. </td></tr></table>			OBJETIVAS	INFERENCIAIS	AVALIATIVAS	- A mulher costumava viajar de avião? - Como chegamos a essa conclusão?	Neste momento é possível saber de que ela é passageira?	Como você acredita que ela estava, acanhada? Tensa? Tranquila? Etc.
OBJETIVAS	INFERENCIAIS	AVALIATIVAS						
- A mulher costumava viajar de avião? - Como chegamos a essa conclusão?	Neste momento é possível saber de que ela é passageira?	Como você acredita que ela estava, acanhada? Tensa? Tranquila? Etc.						
2ª Pausa								
“Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e fiz de educado respondendo que estava às suas ordens”.								
<table><tr><th>INFERENCIAIS</th><th>OBJETIVAS</th><th>AVALIATIVAS</th></tr><tr><td> - Já é possível identificar o narrador do texto? Homem ou mulher? - Por que o narrador acredita ter perdido a oportunidade de ler seu romance? </td><td> - Que palavra do texto indica essa afirmação (o narrador ser homem)? </td><td> - Para você o que quer dizer “educado”? É uma expressão atual? </td></tr></table>			INFERENCIAIS	OBJETIVAS	AVALIATIVAS	- Já é possível identificar o narrador do texto? Homem ou mulher? - Por que o narrador acredita ter perdido a oportunidade de ler seu romance?	Que palavra do texto indica essa afirmação (o narrador ser homem)?	Para você o que quer dizer “educado”? É uma expressão atual?
INFERENCIAIS	OBJETIVAS	AVALIATIVAS						
- Já é possível identificar o narrador do texto? Homem ou mulher? - Por que o narrador acredita ter perdido a oportunidade de ler seu romance?	Que palavra do texto indica essa afirmação (o narrador ser homem)?	Para você o que quer dizer “educado”? É uma expressão atual?						
3ª Pausa								
“Madama entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. Gorda como era, custou a se encaixar na poltrona e a arrumar todos aqueles pacotes. Depois não sabia como amarrar o cinto e eu tive que realizar essa operação em sua farta cintura”.								
<table><tr><th>INFERENCIAIS</th><th colspan="2">AVALIATIVAS</th></tr><tr><td> - O uso da expressão “sobraçando um monte de embrulho” revela o comportamento da passageira. Pelo contexto é possível saber o que significa <u>sobraçando</u>? - A cintura da passageira é descrita como “farta cintura”. Qual a intenção do narrador ao descrevê-la dessa forma? </td><td colspan="2"> - O que você entende por “Madama”? A passageira é de fato uma “Madama”? </td></tr></table>			INFERENCIAIS	AVALIATIVAS		- O uso da expressão “sobraçando um monte de embrulho” revela o comportamento da passageira. Pelo contexto é possível saber o que significa <u>sobraçando</u>? - A cintura da passageira é descrita como “farta cintura”. Qual a intenção do narrador ao descrevê-la dessa forma?	O que você entende por “Madama”? A passageira é de fato uma “Madama”?	
INFERENCIAIS	AVALIATIVAS							
- O uso da expressão “sobraçando um monte de embrulho” revela o comportamento da passageira. Pelo contexto é possível saber o que significa <u>sobraçando</u>? - A cintura da passageira é descrita como “farta cintura”. Qual a intenção do narrador ao descrevê-la dessa forma?	O que você entende por “Madama”? A passageira é de fato uma “Madama”?							
4ª Pausa								
“Afinal estava ali pronta para viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embarço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula”.								

⁷ Etapas de leitura e interpretação desenvolvidas com a crônica “A estranha passageira”.

INFERENCIAIS		
Por que a coisa estava ficando ridícula? De que forma a passageira fazia as perguntas?		
5ª Pausa “- Para que esse saquinho aqui? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo. - É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho. Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou: - Uai... as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro? ”		
INFERENCIAIS	AVALIATIVAS	
- Em que tom de voz a mulher fez a pergunta sobre o saquinho? - Que parte do texto indica essa afirmação?	Vocês acreditam que a passageira estava se fazendo de ingênua para aborrecer alguém? Ou ela era realmente muito ingênua? Justifique sua resposta.	
6ª Pausa “Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas ela era um azougue (embora com tantas carnes parecesse um açougue) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos para todos os lados”.		
OBJETIVAS	INFERENCIAIS	
O modo como o narrador aparece na história revela que ele se envolve e participa das ações ou apenas é uma testemunha que não faz nenhuma intervenção, apenas relata os fatos?	- O narrador disse que alguns passageiros “<u>por fineza</u>” fingiram ignorar o equívoco da incômoda passageira. Esse termo é utilizado com que intenção? - As palavras utilizadas tanto pelo narrador quanto pelos personagens revelam o temperamento, nível intelectual e social de ambos. Sabendo disso, qual o temperamento, nível intelectual e o papel social que ocupam? Justifique com trechos do texto. - Qual a função dos comentários que o narrador vai introduzindo em meio às falas dos personagens? - Se ao invés de reproduzir as falas dos personagens, o cronista optasse apenas por descrever o que a passageira e o passageiro (narrador) conversaram, teria o mesmo efeito que os diálogos? Por quê? - De acordo com o dicionário, um dos significados para a palavra “azougue” é “pessoa esperta, irrequieta”. Na crônica, o narrador faz um jogo de palavras com os termos “azougue” e “açougue” devido aos sons semelhantes entre essas palavras. Qual a sua intenção ao caracterizar a senhora como “azougue”?	

7ª Pausa “O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta: - Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só para ela? Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela. Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “show”. Mesmo os que mais se divertiam com ele resolveram abrir os jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem”.	
OBJETIVAS • Em que a personagem pensou ao ver a porta de emergência? • Qual a reação da passageira ao saber que “emergência” não era alguém, mas uma porta pela qual se saía em caso de necessidade?	INFERENCIAIS • Qual o sentido da expressão “ganhar a pista de decolagem”, para o narrador? • O termo “show” (outros passageiros já estavam conformados com o término do ‘show’) foi utilizado pelo narrador e revela o que ele pensa sobre a personagem. Com qual intenção esse termo foi utilizado? • Por que a passageira age dessa forma? • O que vocês imaginam que vai acontecer agora?
8ª Pausa “Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janela para ver a paisagem) e gritou: - Puxa vida!!! Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse: - Olha lá embaixo. Eu olhei. E ela acrescentou: - Como nós estamos voando alto, moço. Olha só... o pessoal lá embaixo até parece formiga. Suspirei e lasquei: - Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou voo”.	
INFERENCIAIS	
• Vexame é uma ação ou efeito de humilhação. Qual foi o último “vexame” da madama?	

EXPANSÃO

Análise comparativa entre as crônicas “Brincadeira” e “A estranha passageira” (1h/aula)

Professor, após a conclusão das atividades descritas, anteriormente, para a leitura do texto literário, você pode propor aos estudantes uma análise comparativa. Este é o momento de colocar as duas obras em contraste e confronto a partir de seus pontos de ligação, possibilitando aos estudantes registrarem o que compreenderam sobre as crônicas lidas, em especial, sobre as categorias do diálogo e do narrador.

Ao iniciar a aula, você pode explicar aos estudantes que eles farão uma análise comparativa entre as crônicas “Brincadeira” e “A estranha passageira”. Em seguida, pode entregar, junto à proposta de análise, os textos referentes às crônicas utilizadas nas sequências desenvolvidas.

Embora a análise comparativa se organize a partir de algumas questões norteadoras, a exemplo, título e autor; assunto e cenário e situação do cotidiano retratada, o foco da análise deve ser a produção de diálogos e participação do narrador.

PALAVRA FINAL

Sabemos que tanto a aquisição da leitura quanto o desenvolvimento da compreensão são fundamentais para que o estudante possa agir com autonomia nas sociedades letradas. Como a compreensão, no contexto escolar, é fator determinante para a progressão na leitura, a escola precisa investir em atividades que proporcionem o desenvolvimento da compreensão textual.

Embora seja consenso que a formação do estudante não dependa, exclusivamente, da escola, visto que há outros setores responsáveis por essa formação como a família e a comunidade, a escola, enquanto espaço de formação formal, pode e deve contribuir para a aprendizagem desses estudantes, ao criar condições de interação, a partir de diversas atividades que ajudem esses aprendizes a relacionar o texto com o que ele já sabe. A fim de alcançarmos tal propósito, propomos este Caderno Pedagógico. Por meio dele, o estudante-leitor precisará atribuir sentido às palavras, estabelecer relações entre o texto e os conhecimentos adquiridos ao longo de sua existência, ou seja, fará da leitura uma busca constante de sentidos (KOCH & ELIAS, 2006).

Este Caderno Pedagógico objetiva ser mais uma proposta viável e adaptável pelo docente às condições de cada comunidade escolar. Ele poderá ser desenvolvido com estudantes do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Heloísa. O gênero textual crônica. In: MADI, Sonia (Coord.) **Na ponta do lápis. Olimpíada de Língua Portuguesa: escrevendo o futuro**. CENPEC, Ano IV, n. 10, dez.2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). Brasília: MEC, 1998.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antônio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Leitura: inferências e contexto sócio- cultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001 (Série educador em formação).

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2000a.

KLEIMAN, Angela. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2000b.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LEFFA, Vílson J. **Aspectos da Leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOLÉ, Isabel; SCHILLING, Cláudia. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porte Alegre: ArtMed, 1998.

FONTES

CONTROLADORIA GERAL DA UNIÃO (CGU). **A Fábula da corrupção**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=p7f3jhRxprY>> Acesso em: 29 out. 2015.

FABIANO MACHADO. **Brincadeira.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wQ6araG_jlc>. Acesso em: 29 out. 2015.

MATRIZES DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. Disponível em: <<http://provabrasil.inep.gov.br/30>> Acesso em: 18 jan. 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP. Devolutivas pedagógicas. Disponível em: <<http://devolutivas.inep.gov.br/proficiencia>>. Acesso em: 07 de outubro de 2015.

PRETA, Stanislaw Ponte. **Garoto linha dura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p.102-104

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias da Vida Privada.** Porto Alegre: L&PM, 1995, p.189-91

ANEXO 1

Brincadeira

-Começou como uma brincadeira. Telefonou para um conhecido e disse:

- Eu sei de tudo.

Depois de um silêncio, o outro disse:

- Como é que você soube?

- Não interessa. Sei de tudo.

- Me faz um favor. Não espalha.

- Vou pensar.

- Por amor de Deus.

- Está bem. Mas olhe lá, hein?

-Descobriu que tinha poder sobre as pessoas.

- Sei de tudo.

- Co-como?

- Sei de tudo.

- Tudo o quê?

- Você sabe.

- Mas é impossível. Como é que você descobriu?

A reação das pessoas variava. Algumas perguntavam em seguida:

- Alguém mais sabe?

- Outras se tornavam agressivas:

- Está bem, você sabe. E daí?

- Daí nada. Só queria que você soubesse que eu sei.

- Se você contar para alguém, eu...

- Depende de você.

- De mim, como?

- Se você andar na linha, eu não conto.

- Certo

Uma vez, parecia ter encontrado um inocente.

- Eu sei de tudo.

- Tudo o quê?

- Você sabe.

- Não sei. O que é que você sabe?

- Não se faça de inocente.
- Mas eu realmente não sei.
- Vem com essa.
- Você não sabe de nada.
- Ah, quer dizer que existe alguma coisa pra saber, mas eu é que não sei o que é?
- Não existe nada.
- Olha que eu vou espalhar...
- Pode espalhar que é mentira.
- Como é que você sabe o que eu vou espalhar?
- Qualquer coisa que você espalhar será mentira.
- Está bem. Vou espalhar.

Mas dali a pouco veio um telefonema.

- Escute. Estive pensando melhor. Não espalha nada sobre aquilo.
- Aquilo o quê?
- Você sabe.

Passou a ser temido e respeitado. Volta e meia alguém se aproximava dele e sussurrava:

- Você contou pra alguém?
- Ainda não.
- Puxa. Obrigado.

Com o tempo, ganhou uma reputação. Era de confiança. Um dia, foi procurado por um amigo com uma oferta de emprego. O salário era enorme.

- Por que eu? – quis saber.
- A posição é de muita responsabilidade – disse o amigo. – Recomendai você.
- Por quê?
- Pela sua discrição.

Subiu na vida. Dele se dizia que sabia tudo sobre todos, mas nunca abria a boca para falar de ninguém. Além de bem-informado, um gentleman. Até que recebeu um telefonema.

Uma voz misteriosa que disse:

- Sei de tudo.
- Co-como?
- Sei de tudo.
- Tudo o quê?
- Você sabe.

-Resolveu desaparecer. Mudou-se de cidade. Os amigos estranharam o seu desaparecimento repentino. Investigaram. O que ele estaria tramando? Finalmente foi descoberto numa praia distante. Os vizinhos contam que uma noite vieram muitos carros e cercaram a casa. Várias pessoas entraram na casa. Ouviram-se gritos. Os vizinhos contam que a voz que se ouvia era a dele, gritando:

- Era brincadeira! Era brincadeira!

Foi descoberto de manhã, assassinado. O crime nunca foi desvendado. Mas as pessoas que o conheciam não têm dúvidas sobre o motivo.

Sabia demais.

Luís Fernando Veríssimo. Comédias da Vida Privada. Porto Alegre: L&PM, 1995, p.189-91

ANEXO 2

A estranha passageira

O senhor sabe? É a primeira vez que eu viajo de avião. Estou com zero hora de vôo - e ri nervosinha, coitada.

Depois pediu que eu me sentasse ao seu lado, pois me achava muito calmo e isto iria fazer-lhe bem. Lá se ia a oportunidade de ler o romance policial que eu comprara no aeroporto, para me distrair na viagem. Suspirei e fiz de educado respondendo que estava às suas ordens.

Madama entrou no avião sobraçando um monte de embrulhos, que segurava desajeitadamente. Gorda como era, custou a se encaixar na poltrona e arrumar todos aqueles pacotes. Depois não sabia como amarrar o cinto e eu tive de realizar essa operação em sua farta cintura.

Afinal estava ali pronta para viajar. Os outros passageiros estavam já se divertindo às minhas custas, a zombar do meu embaraço ante as perguntas que aquela senhora me fazia aos berros, como se estivesse em sua casa, entre pessoas íntimas. A coisa foi ficando ridícula:

- Para que esse saquinho aí? – foi a pergunta que fez, num tom de voz que parecia que ela estava no Rio e eu em São Paulo.

- É para a senhora usar em caso de necessidade – respondi baixinho.

Tenho certeza de que ninguém ouviu minha resposta, mas todos adivinharam qual foi, porque ela arregalou os olhos e exclamou:

- Uai ...as necessidades neste saquinho? No avião não tem banheiro? Alguns passageiros riram, outros – por fineza – fingiram ignorar o lamentável equívoco da incômoda passageira de primeira viagem. Mas ela era um azougue (embora com tantas carnes parecesse mais um açougue) e não parava de badalar. Olhava para trás, olhava para cima, mexia na poltrona e quase levou um tombo, quando puxou a alavanca e empurrou o encosto com força, caindo para trás e esparramando embrulhos por todos os lados

O comandante já esquentara os motores e a aeronave estava parada, esperando ordens para ganhar a pista de decolagem. Percebi que minha vizinha de banco apertava os olhos e lia qualquer coisa. Logo veio a pergunta:

- Quem é essa tal de emergência que tem uma porta só pra ela?

Expliquei que emergência não era ninguém, a porta é que era de emergência, isto é, em caso de necessidade, saía-se por ela.

Madama sossegou e os outros passageiros já estavam conformados com o término do “show”. Mesmo os que mais se divertiam com ele resolveram abrir jornais, revistas ou se acomodarem para tirar uma pestana durante a viagem.

Foi quando madama deu o último vexame. Olhou pela janela (ela pedira para ficar do lado da janelinha para ver a paisagem) e gritou:

- Puxa vida !!

Todos olharam para ela, inclusive eu. Madama apontou para a janela e disse:

- Olha lá embaixo.

Eu olhei. E ela acrescentou: - Como nós estamos voando alto, moço.

Olha só ... o pessoal lá embaixo parece formiga.

Suspirei e lasquei:

- Minha senhora, aquilo são formigas mesmo. O avião ainda não levantou vôo.

Preta, Stanislaw Ponte. Garoto linha dura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p.102-104.